

- OUVIR "PEDIDO QUEIXOSO"** : idêntico a queixa, só que adquire tom de lamentação e/ou desespero.
- EXPLICAR** : momento em que a parteira torna inteligível à parturiente e às pessoas que a assistem as causas dos problemas enfrentados por ocasião do parto. A profissional procura identificar causas e relacioná-las aos sintomas.
- PREGAR** : discurso evocando o auxílio sobrenatural para desenvolver seus trabalhos de forma satisfatória, bem como solicitando benção para as pessoas presentes. O ato pode ser acompanhado de leituras e cânticos.
- ACONSELHAR** : aconselha a parturiente sobre a conveniência de retornar à rotina de trabalho com prudência, alertando-a contra "aborrecimentos" futuros, o qual pode conter ou não tom admoestativo.

RESENHA

ALTVATER, Elmar. Sachzwang Weltmarkt; Verschuldungskrise, blockierte Industrialisierung, Ökologische Gefährdung - der Fall Brasilien Hamburg, VSA-Verlag, 1987. 382p.

Elmar Altvater escreveu um importante livro: A lógica repressiva do mercado mundial; a crise das dívidas externas, industrialização bloqueada, ameaça à ecologia - o caso brasileiro.

Os grandes projetos industriais na Amazônia Oriental servem de objeto de estudo e demonstração para tese de que a lógica da acumulação de capital domina todas as condições de vida da natureza e do homem, quando não se lhe põe uma alternativa política. O "mercado mundial" é para Altvater mais do que uma categoria abstrata para explicar relações abstratas. "A realidade do mercado mundial nunca se acha fora de nações ou regiões". (p. 88) O índio com o aparelho de rádio ao ouvido, os garimpeiros de Serra Pelada, a serraria em algum ponto na Amazônia significam a presença do mercado mundial na própria região.

Num processo de submissão econômica a região é progressivamente integrada na já desenvolvida ordem econômica nacional e internacional. Altvater utiliza aí o conceito de Inwertsetzung (valorização), ao qual ele atribui um lado político e um econômico. O processo de valorização é político na medida em que ele necessita do apoio do Estado Nacional. "O processo de acumulação de capital é um pro-

cesso uno actu da formação de estruturas políticas de hegemonia e regularização e não se realiza sem o apoio político do Estado". (p. 134). Na Amazônia, bem como em demais regiões da terra que tentam uma industrialização, o processo da valorização foi utilizado como estratégia política do Estado Nacional. O Estado mobiliza uma grande parte da infra-estrutura material e faz da industrialização o projeto geral, ou seja, o Estado cria legitimação. Entretanto, questiona-se a equiparação precipitada da valorização com o desenvolvimento. Altvater demonstra que uma região pode ser valorizada, sem que isto acarrete progresso político e econômico. Exatamente projetos extrativos, conforme é o típico caso da Amazônia, podem funcionar de uma maneira rentável, sem que isto represente o seu entrelaçamento intensivo com as estruturas econômicas da região, vindo a desenvolvê-la. A periferia tende a se encastrar no empobrecimento, na medida em que ela exporta mercadorias quase não manufaturadas e deixa a produção do valor adicional da manufatura em outros países. No entanto, a realidade de fato positiva sob este ponto de vista, de se levantar na Amazônia Oriental centros de siderurgia, isto é, acrescentar à matéria-prima minério de ferro um valor maior na manufatura posterior, não representa para Altvater um caminho viável, conquanto os custos ecológicos sejam altos demais. O projeto de siderurgia sobre base de carvão vegetal deveria ser abandonado, pois ele representa a "destruição do ambiente natural do trabalho social e da existência humana" (p. 314).

Os riscos de uma industrialização da Amazônia orientada para a exportação não são, porém, somente de natureza ecológica, mas também deixam o destino da Amazônia cada vez mais estreitamente ligado com

as oscilações de preços do mercado externo; neste sentido a valorização apresenta o risco da desvalorização. O declínio do preço no mercado internacional do aço, que já levou às limitações de produção nos centros tradicionais da manufatura de aço, é aqui um exemplo elucidativo. (O exemplo mais recente neste sentido é o conflito em torno da paralisação da Rheinhausen-Duisburg na R.F.A.).

Será possível que o modelo industrial do Fordismo com sua produção em massa no sistema de fábrica leva efetivamente à modernização de setores isolados em países do Terceiro Mundo, com a perda de sua marcante força social? A indústria pesada, a qual sempre foi o motor de propulsão do desenvolvimento econômico, já não desempenha mais a mesma função há tempo. A substituição de produtos de ferro e aço por plásticos, a miniaturização de máquinas e produtos (o que leva à economia de material), a saturação do mercado por produtos da indústria pesada de um modo geral, tudo isto atribui hoje ao setor da indústria pesada um papel, cuja importância é cada vez menor. Desta maneira, possivelmente estará trilhando em curso errado quem no final do Século XX seguir modelos de desenvolvimento tais como o praticado talvez com êxito pela União Soviética, já que na ocasião, por um lado o Fordismo ainda possuía uma função de modernização e por outros a URSS praticamente efetuou seu desenvolvimento econômico independentemente do mercado externo.

Na realidade, industrialização - conforme Altvater o denomina - é comparativamente... "A estrutura material da força produtiva do trabalho avalia-se na comparação internacional com posição de competição de uma nação. Esta poderá estar em retaguarda, não obstante tenha atingido uma industrialização no sentido material, caso outras nações

já estejam numa fase posterior, portanto tenham provado superioridade através de produtividade de trabalho comparativamente maior, novos produtos e/ou métodos de produção" (p. 38-9). Até mesmo uma industrialização já atingida não é um indicador de que não se venha desempenhar a função do eterno segundo colocado no mercado mundial. É verdade que setores isolados podem concorrer diretamente com o primeiro mundo e até mesmo ultrapassá-lo, mas não a (macro) economia como um todo. Este fato leva às conhecidas distorções em muitos países do Terceiro mundo: Tecnologia de ponta com capital intensivo, a qual atingiu até mesmo a tecnologia do átomo e domina a mais moderna técnica de telecomunicações, mas que coexiste com uma agricultura desgastada, à qual faltam com frequência os meios técnicos mais primitivos para a produção de alimentos. Ora, os defensores do espinhoso caminho até a sociedade de bem estar e industrializada podem afirmar: tudo tem seu preço - a fase da limitação do consumo de massa e a desatenção para com o setor agrário são (veja U.R.S.S.) necessários, a fim de primeiramente empurrar para frente um parque industrial e logo em seguida a economia nacional como um todo.

Esta argumentação "otimista" menospreza, porém, os riscos específicos de uma industrialização endividada. O pagamento de juros a créditos e sua amortização representam hoje nos países do Terceiro Mundo um imenso fator de custos. Até metade das receitas de exportação conseguidas a duras penas retorna desta forma (como serviço da dívida) aos países industrializados. Apesar de que as taxas de crescimento exatamente em países como o Brasil estivessem muitos anos acima das dos países industrializados, a expansão financiada por créditos não levou à formação de uma estrutura industrial sólida

da. Com a subida da taxa de juros no mercado de crédito internacional desfizeram-se os sonhos de poder erguer-se com a ajuda dos créditos, uma economia capaz de competir e posteriormente pagar as dívidas a partir de um superávit da balança comercial. Quando os juros dos créditos forem mais elevados do que o ganho obtido dos projetos industriais tornados possíveis pelo endividamento, e ao mesmo tempo o mercado mundial não se mostrar mais capaz de abarcar as mercadorias dos novos exportadores do Terceiro Mundo, então chegar-se-á a um verdadeiro impasse. Tal impasse é típico para o final de uma época, na qual "O velho perece e o novo não surge" (Gramsci).

Altwater acredita que depois do final da hegemonia mundial britânica - a pax britânica - ao limiar deste século, inicia-se agora o final do poder hegemônico dos E.E.U.U.. E na realidade é muito evidente que os E.E.U.U., neste meio tempo o país mais endividado do planeta, concorrem no mercado internacional de créditos com países do Terceiro Mundo no que diz respeito aos créditos mais favoráveis.

Elmar Altwater escreveu um livro, o qual deveria encorajar exatamente intelectuais na Amazônia a continuarem trilhando no difícil caminho à procura de um modelo de desenvolvimento apropriado às condições específicas da região. A crise hegemônica dos E.E.U.U. - e do industrialismo em geral - é uma chance de se refletir novamente concepções políticas orientadoras. O pensamento utópico, - uma vez que ele tem o poder de aprender a partir dos erros, - é hoje mais urgente do que nunca.

Franz Josef BRÜSEKE: Deptº. de C. Sócio Políticas e Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA - UFPA.